

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabroçam como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS

Valdemir Paiva

UFPR -Mestrando em História – Curitiba-PR

Claudia Priori

UNESPAR/Curitiba II – Curso de Artes Visuais-
Curitiba-PR

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo abordar a participação de mulheres em crimes contra o patrimônio (furto, apropriação indébita, latrocínio, e também contra a fé pública como a falsificação de dinheiro/moeda) mediante a análise de processos crimes no período de 1965 a 1980, julgados na comarca de Guarapuava-PR. Buscamos delinear as circunstâncias e cenários das práticas delituosas em que as mulheres tiveram atuação, assim como o perfil das pessoas envolvidas, e para isso tomamos como ponto de partida os referenciais da história das mulheres e dos estudos de gênero. Metodologicamente nos pautamos na análise quantitativa e qualitativa dos dados, com o intuito de contribuir para a ampliação das discussões concernentes à temática, visibilizando e problematizando a violência feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Violência. Relações de Gênero.

**THE PARTICIPATION OF WOMEN IN
CRIMES AGAINST PATRIMONY: ANALYSIS
OF CRIMINAL PROCEEDINGS**

ABSTRACT: This work aims to address the participation of women in crimes against property (theft, misappropriation, robbery, and also against public faith such as counterfeiting of money / currency) through the analysis of criminal cases in the period from 1965 to 1980, tried in the region of Guarapuava-PR. We sought to outline the circumstances and scenarios of the criminal practices in which the women worked, as well as the profile of the people involved, and for this we took as a starting point the references of women's history and gender studies. Methodologically we focus on the quantitative and qualitative analysis of the data, aiming to contribute to the broadening of the discussions concerning the theme, visibilizing and problematizing female violence.

KEYWORDS: Women. Violence. Gender Relationships.

INTRODUÇÃO

As palavras assumem sentidos diferentes dependendo do contexto histórico, pois novos significados são atribuídos a elas formando uma rede de conceitos que se consolidam e se ressignificam. Reinhart Koselleck (2006), ao discutir a história dos conceitos, problematiza os sentidos atribuídos socialmente às palavras e aos conceitos propriamente ditos que se

formam entorno dessas. Como Koselleck aponta:

O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. (...) uma palavra se torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela (...). Os conceitos são, portanto, vocábulos nos quais se concentra uma multiplicidade de significados. O significado e o significante coincidem na mesma medida em que a multiplicidade da realidade e da experiência histórica se agrega à capacidade de plurissignificação de uma palavra, de forma que seu significado só possa ser conservado e compreendido por meio dessa mesma palavra. Uma palavra contém possibilidades de significado, um conceito reúne em si diferentes totalidades de sentido. Um conceito pode ser claro, mas deve ser polissêmico (KOSELLECK, 2006, p.109).

Em relação ao que afirma Koselleck (2006), os conceitos não possuem apenas efeitos enquanto fenômeno linguístico, também indicam algo que se situa para além da língua. Todo conceito articula-se em certos contextos que pode atuar, construindo sentidos ao entorno de um termo, tornando-se compreensível. Tomando como ponto de partida a análise dos processos crimes referentes a delitos cometidos por mulheres, é possível dar sentido às diversas formas de representações que atribuímos na vivência do socialmente coletivo, e que ainda estão em vigência, ou até mesmo já ressignificados nas relações de poder.

Michel Foucault (1988) aponta as relações de poder como um conjunto de práticas sociais e discursivas, que visam disciplinar e regular os corpos, as mentes e os processos desejantes. E segundo o autor:

A prática discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas e sempre determinadas pelo tempo e espaço, que definem em uma dada época e para uma dada área social, econômica e geográfica ou linguística, as condições de exercício da função anunciativa. Assim sendo, notaremos a existência de ações discriminatórias que se instalam e se estabelecem a partir da cor, classe social e sexo nas relações humanas, provocando a criação de uma hierarquia sócia que sustentadas pelas relações de poderes e presente nas relações sociais vistas na fala, escrita e ações (FOUCAULT, 1997, p.71).

A linguagem – ou, os discursos, conceito utilizado Foucault - se constrói e se propaga socialmente de diferentes formas, local e temporalmente, e carrega o poder de transmitir práticas estabelecidas. É notório o uso no cotidiano de expressões que são construções e discursos, e para isso tomamos como exemplo o termo “homem”, que por muito tempo foi utilizado tanto na fala, como na escrita, para se referir a ambos os sexos.

Nesta perspectiva, ao analisarmos os processos-crimes, tendo as mulheres como autoras de delitos e violência, notamos o consubstanciar de discursos da sociedade e do corpo jurídico, direcionados para a crença de que as práticas delituosas, a violência e a transgressão, na grande maioria, são considerados atos masculinos, haja vista as idealizações sociais apregoadas à identidade feminina, vista como homogênea.

A atuação de mulheres em delitos provoca reações de surpresa e assombro,

pois vai de encontro com as noções de padrões que circundam o feminino e o crime. Essa conjugação é tida como díspare, distinta e evidentemente equivocada, pois rompe com a imagem feminina enunciada e idealizada socialmente. De acordo com a perspectiva foucaultiana (2006), observamos que somos produtos das relações históricas sociais e não criadores de interpretações sem influência do meio em que habitamos. Portanto, as interpretações e discursos para com o mundo do crime - especialmente no que se refere às mulheres - são reflexos de representações sociais atribuídas e reproduzidas na fala, no julgamento, na defesa e até mesmo nos veredictos finais, que compõem o conjunto analisado nos processos-crimes.

Como Jodelet (2005) afirma, as representações sociais atuais são como formas de conhecimento, que, socialmente elaboradas e partilhadas, têm uma visão prática para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. A autora salienta ainda, que as representações tomadas como conhecimentos socialmente elaborados estão presentes no convívio cotidiano e usualmente disseminados de forma não sistêmico ou não lógico.

Para uma reflexão acerca do perfil de mulheres que participaram como autoras de crimes, sendo muitas vezes consideradas “inimigas” da sociedade por estarem agindo contra padrões sociais construídos de uma identidade feminina ideal, nos debruçamos a analisar a atuação feminina em crimes contra o patrimônio (furto, apropriação indébita, latrocínio, e também contra a fé pública como a falsificação de dinheiro/moeda), mediante a análise de processos criminais, no período de 1965 a 1980. Buscamos também delinear o perfil das pessoas envolvidas e as circunstâncias e cenários das práticas delituosas em que as mulheres tiveram atuação no mundo da transgressão.

No que se refere às desigualdades entre os sexos, recorreremos à historiadora norte-americana Joan Scott (1992), que ao trabalhar com o gênero enquanto categoria de análise histórica destaca que a categoria emergiu na tentativa de questionar a construção de uma identidade preexistente para as mulheres. A autora salienta também que a sociedade, a partir de traços fundamentados no biológico, visou atribuir significados particulares e peculiares a homens e mulheres.

Nessa ótica, traçar o perfil das pessoas envolvidas e as circunstâncias e cenários das práticas delituosas em que as mulheres tiveram atuação, contribui para o entendimento das relações de gênero estabelecidas nos contextos em que estão inseridas.

MULHERES E O CRIME

O crime é caracterizado como sendo complexo e construído em diversos contextos, se manifestando de diversas formas, uma vez que este só passa a ser considerado ato ilícito, ou seja, crime, a partir do momento em que são criadas as leis que coíbem tais ações. Michel Foucault (2005) assinala que a lei penal é criada

no interior de uma sociedade pelo lado legislativo do poder político. E para a lei existir tem de haver um poder político que a crie, que a efetive. E não há infração ou crime, antes da existência da lei. Portanto, o indivíduo só é passível de penalidades se suas condutas são definidas como repreensíveis pela lei. Para o autor, “uma lei penal deve simplesmente representar o que é útil para a sociedade. A lei define como repreensível o que é nocivo à sociedade, definindo assim negativamente o que é útil” (FOUCAULT, 2005, p.81).

O indivíduo que rompe com a lei, praticando crime ou infração penal, comete algo que danifica a sociedade, e seu ato é um dano social, uma perturbação, um incômodo para toda essa sociedade, se tornando, para ela, um inimigo social. Em referência a isso, Boris Fausto destaca que os juízes, os chamados “homens bons” julgam determinados comportamentos, tendo em vista as normas escritas do Código Penal e as normas sociais mais amplas que se corporificam em identidades sociais (FAUSTO, 1984, p.226).

A exposição de atos criminosos cometidos por mulheres ganhou maior visibilidade com os meios de comunicação (rádio, televisão e internet), sobretudo na esfera pública. É perceptível que no mundo do crime se acentua a visão dicotômica entre o masculino e o feminino construída socialmente, e neste prisma – do crime e da violência - as mulheres não caberiam nos estereótipos idealizados. Moura (2007) afirma que as guerras e conflitos armados contribuem na produção e legitimação de um modelo masculino e dominante (heterossexual, homofóbico, misógino e violento). E nesta compreensão se contrapõe ao modelo feminino, dócil, obediente, do lar.

Para Laqueur (2001), os processos de construção dos gêneros são, também, gerados em meio ao cruzamento de uma série de elementos normativos e resistências, que se articulam a afirmação e contraposição de estereótipos de masculino e feminino. Atributos sociais como passividade, sensibilidade e reprodução são frequentemente compreendidas como expressões “naturais” de características femininas, e a virilidade, agressividade racionalidade e prazer, como masculinas. Aliado a esses processos de naturalização, as mulheres foram posicionadas como sendo as responsáveis pela educação dos filhos e cuidados com a família, e os homens, situados como gerentes da vida pública e mantenedores do lar.

Na historiografia, as mulheres ocuparam espaços periféricos, e nas poucas produções que abarca essas protagonistas da história, na grande maioria das vezes elas foram descritas como auxiliadoras de crimes cometidos por homens, ou até mesmo vítimas passivas e sem “voz”. A caracterização atribuída ao mundo criminoso, sobretudo violento, nos leva a concluir que tais atos foram cometidos pela figura masculina. Isso é decorrente de um longo processo histórico de propagação de estereótipos que leva à criação de representações sociais.

Jodelet (2005) sublinha que as representações formam um sistema social normativo e dão lugares às “teorias” espontâneas, versões da realidade que encaixam em caracterizações da existência e condensam as palavras, que são carregadas

de significações, como mulheres responsáveis pelo lar (privado) e os homens como mantenedores deste lar (ocupantes do mundo externo). Nesse sentido, as representações sociais acerca do feminino, não admitem que as mulheres – isso nas idealizações sociais - sejam capazes, fortes, corajosas e inteligentes suficientemente para arquitetar, planejar e executar um crime, ou cometer atos violentos.

Nossa investigação versa acerca de crimes cometidos por mulheres contra o patrimônio (furto, apropriação indébita, latrocínio, e também contra a fé pública, como a falsificação de dinheiro/moeda) registrados e/ou julgados na comarca de Guarapuava, Paraná, no período de 1965 a 1980. A partir da análise de dez (10) processos-crimes, focalizando não somente na quantidade e sim na qualidade das fontes, buscamos delinear o perfil das pessoas envolvidas e as circunstâncias e cenários das práticas delituosas em que as mulheres tiveram atuação. Os processos-crimes foram pesquisados no Centro de Documentação e Memória (CEDOC) da Universidade Estadual do Centro-Oeste, na cidade de Guarapuava.

Localizada no interior do estado do Paraná, Guarapuava se emancipou como Comarca no ano de 1859 (WACHOWICZ, 1995). Em grande maioria, seus habitantes são origem de europeia, imigrantes, sobretudo alemães, poloneses e italianos. O município se constitui como um polo comercial e industrial, destacando-se por ser um grande entroncamento ferroviário do estado, localizado no centro-sul paranaense. Como Silva (1990) salienta, entre 1950 e 1980, ocorreu no Brasil o mais intenso processo de modernização pelo qual o país já passou, alterando profundamente a fisionomia social, econômica e política. Nesse contexto, chegavam à pequena cidade de Guarapuava pessoas de outros países e também advindas da área rural local que buscavam melhorias na condição de vida. Chegavam também costumes, ideias e culturas variadas para compor a formação da rede urbana, ou das periferias, constituídas em sua grande maioria por operários (as).

Como qualquer outro lugar, a região de Guarapuava apresenta manifestações de violência e crimes, todavia, nossa pesquisa se detém em investigar delitos nos quais mulheres são autoras ou associadas nas ações arroladas. Conhecendo a carência de produção historiográfica que se propõe a compreender a temática da violência cometida pelas mulheres, é que esperamos contribuir para a ampliação das discussões concernentes ao assunto, problematizando-o.

A riqueza de informações trazida pelos processos criminais merece extrema atenção e delicadeza para serem selecionadas e agrupadas com outros elementos que de alguma forma se aproximam. Entre os dez (10) processos selecionados e analisados, destacam-se mulheres – autoras dos crimes - e homens, geralmente as vítimas, com naturalidade dos municípios de Guarapuava, Campo Mourão, Prudentópolis, Cambará, Canta Galo, Jaboticabal, Cruzeiro do Oeste, Chopenzinho, Laranjeiras do Sul, Entre Rios e Faxinal dos Elias. O total de pessoas envolvidas nos autos são dezoito (18), sendo que dessas, doze (12) são mulheres e seis são (6) homens. Nos dez (10) processos analisados, temos a atuação de seis (6) mulheres

agindo sozinhas ou acompanhadas com outras mulheres, e seis (6) atuando em parceria com homens.

Em relação às ocupações profissionais verificadas nos processos criminais, verificamos a presença de cabeleireira, comerciante, operária, carpinteira (o), meretriz e ocupação não declarada. O crime e a violência estão presentes em todos os lugares, seja em periferias e grandes centros, na política, instituições governamentais e não governamentais, instituições religiosas, espaços domésticos, relações de trabalho, nas ruas, no trânsito, nos campos de futebol, entre tantos outros espaços. O crime se manifesta em diversas formas e em vários lugares do convívio social. Conforme dados dispostos na tabela 1, demonstramos os locais nos quais se manifestaram os crimes cometidos por mulheres, analisados mediante os processos crimes.

Crime Cometido	Local do Crime	Quantidade
Furto	Meretrício	4
Latrocínio	Rodovia (BR)	1
Furto/ Apropriação Indébita	Propriedade rural	2
Apropriação Indébita	Bar	1
Falsificação de dinheiro	Rua/Local público	1
Apropriação Indébita	N/C	1
	Total	10

Tabela 1: Tipificação do crime por local do acontecido

Fonte: Processos-crimes (1965-1980) - Centro de Documentação e Memória, da Universidade do Centro-Oeste, campus de Guarapuava.

Verificamos na tabela acima que a maioria (4) dos crimes de furto praticados por mulheres, aconteceu em zonas de meretrício. O protagonismo feminino nesse tipo de crime e local específico nos remete não somente ao cenário, mas também às circunstâncias do episódio, ou seja, um espaço em que as mulheres tomam a cena, seja como objeto de realização de desejos e prazeres, seja como ativas na arte do delito.

No caso dos homens que foram vítimas do furto cometido por elas, em zonas de meretrício, os processos criminais revelam que eles lá estavam por motivações várias, conforme declarado nas fontes: divisão com amigos, curiosidade, vontade de outras aventuras sexuais fora do relacionamento e vontade de praticar relações sexuais.

Margareth Rago (2004), ao analisar o processo de formação dos grandes centros, como São Paulo nos fins do século XIX e início do século XX, destaca a prostituição como sendo um cancro social ou mal necessário. Rago está se referindo ao preconceito que já existia sobre a prostituição e essa prática como uma “necessidade” para o social, haja vista o forte discurso advindo do positivismo, onde

descrevia a natureza do sexo masculino como sendo mais “aflorada” e intensa”. Às mulheres de “família - mães e do lar” - correspondiam à necessidade de procriação e coordenadoras do lar, se contrapondo as “mulheres públicas”.

A tabela 1 demonstra também a associação da figura feminina a outros crimes, embora em número menor, ocorridos em outros espaços como propriedade rural, bar, rua. Isso deixa evidente a atuação de mulheres no crime, agindo sozinhas ou em parceria. A tabela 2 revela a constância da presença de homens, os principais alvos da atuação feminina, ou seja, as vítimas da atuação delas.

Estado Civil	Quantidade por sexo		Tipo de Crime	Quantidade
	Feminino	Masculino		
Solteiro (a)	1	2	Furto e Apropriação Indébita	3
Casado (a)	1	6	Furto, Latrocínio, Apropriação Indébita, Invasão de domicílio e falsificação de dinheiro	7
Total	8	2	-	10

Tabela 2: Perfil das vítimas por estado civil, sexo e tipo de crime

Fonte: Processos-crimes (1965-1980) - Centro de Documentação e Memória da Universidade do Centro-Oeste, campus de Guarapuava.

Na tabela 2 fica evidente a predominância de homens casados (6) entre as vítimas de crimes cometidos por mulheres, e em menor quantidade (2) de homens solteiros. Isso se entrelaça com a frequência que esses homens casados e solteiros faziam em locais de meretrício, uma vez que a maior parte dos furtos (4) ocorreu nesse ambiente, conforme mostra a tabela 1, espaços os quais eles frequentavam e foram alvos dos delitos.

No que se refere à faixa etária das mulheres praticantes de crimes, como evidencia a tabela 3 abaixo, do total de doze (12) mulheres envolvidas, a maioria (4) são de mulheres bem jovens, prevalecendo a faixa etária entre 18 e 24 anos. O estado civil que predomina é o de solteiras (3), sendo apenas uma (1) mulher casada, nessa faixa de idade. As acima de 25 anos (6) também eram solteiras ou casadas, e uma (1) não consta a idade.

Idade	Autoria e parceria no crime		Quantidade
	Mulher	Homem	
18-24	4	4	8
25-31	2	0	2
32-38	2	0	2
39-44	2	0	2
Acima de 45	0	2	2
N/C	2	0	2
Total	12	6	18

Tabela 3: Faixa etária das pessoas envolvidas na autoria do crime

Fonte: Processos-crimes (1965-1980) - Centro de Documentação e Memória da Universidade do Centro-Oeste, campus de Guarapuava.

Além disso, a tabela 3 nos indica que duas (2) mulheres estavam na faixa de idade entre 25-32 anos, duas (2) entre 32-38 anos e outras duas (2) entre 39-44 anos e sem nenhuma manifestação de crimes com mulheres acima de 45 anos. E duas (2) não consta a idade. Quanto aos homens que atuaram junto com as mulheres no crime, os dados da tabela 3 revelam que a maioria deles (4) também são jovens, entre 18 e 24 anos. Quanto ao estado civil dos homens autores de delitos, em parceria com as mulheres, três (3) são solteiros e um (1) casado, nessa faixa de idade mais jovem. E dois (2) são casados e acima de 45 anos.

Na nossa cultura, na qual a imagem da mulher é valorizada por sua juventude, seu corpo, envelhecer se constitui numa razão de forte preocupação e ameaça. O homem se sente estimulado nestes momentos a buscar outras experiências, a trocar um objeto, no qual já está saciado, por outro mais jovem que se lhe continua fonte de prazeres (SOIHET, 1989). A autora aponta também que a procura de casas de prostituição possui, em suma, a finalidade de saciar prazeres sexuais já não saciados na vida matrimonial.

Entre os crimes cometidos por mulheres associadas com homens, o furto é o que aparece com maior número, como já evidenciamos. Os desfechos dos processos criminais demonstram uma pequena e quase nula condenação nos casos analisados, é apresentada apenas uma condenação e outra, onde apenas um caso teve condenação e outra com a concessão de pena em liberdade e pagamento de fianças. Outros tipos de resolução dos processos são apresentados como: arquivamento do processo, por falta de provas, absolvição e acordo entre as partes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos crimes enquanto fontes nos proporcionam um repleto conjunto de episódios, detalhes, cenários, motivações, discursos e representações, posições sociais e ações do cotidiano de um determinado contexto. A partir da análise desses processos registrados e julgados na comarca de Guarapuava, entre os anos de 1965-1980, é possível notarmos a atuação de mulheres no crime, sejam sozinhas ou acompanhadas. Mulheres que rompem com os discursos forjados e consolidados por meio das relações de gênero perpassadas de poderes, relações construídas historicamente, o que nos possibilita ampliar as versões no que se refere às diversas feminilidades que encontramos na sociedade.

Entre os crimes arrolados nesta pesquisa, notamos a preponderância de um perfil que chama a atenção: são os furtos cometidos em meretrícios por mulheres entre 18-24 anos, dos quais os homens são os principais alvos, as vítimas, que, por sua vez, em sua maioria, declararam possuírem uma relação estável. A despeito dos desfechos mencionados nos processos, apenas um caso teve condenação e pena em reclusão; os demais crimes apresentaram acordos, arquivamento por falta de provas e absolvição, fato que cabe aqui duas evidências que podemos apontar. A primeira

seria a desatenção por parte do judiciário em investigar crimes sem muito “dano” às vítimas, ou como consequente, podemos destacar também o sucesso por parte das autoras nos atos criminosos, no qual a justiça não consegue provas suficientes para uma sentença que leve à punição dessas mulheres.

A nossa intenção com esse trabalho, mais que analisar a presença feminina no crime e o perfil de mulheres que se apresentam em outros âmbitos sociais tidos como sendo do masculino, e ampliar as perspectivas concernentes à mulher e as suas variadas faces, foi trazer esse debate à baila para, dessa forma, contribuir com produções científicas a respeito da temática mulheres em conjugação com o crime e a violência, haja vista a carência de atenção desse assunto na historiografia.

REFERÊNCIAS

CARVALHES, Flavia Fernandes. Mulheres no crime: deslizamentos de fronteiras. **Revista Espaço Acadêmico**, nº136-setembro de 2012.

CORREA, Mariza. Morte em Família: representação jurídica de papéis sexuais. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Arqueologia do saber**. 5º ed. Rio de Janeiro: forense universitária, pag. 71, ano 1997.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

JODELET, Denise. Representações sociais: histórias e avanços teóricos. Vinte anos da teoria das representações sociais no Brasil. In: OLIVEIRA, D.C.;CAMPOS,P.H.F. (Orgs). **Representações sociais, uma teoria sem fronteiras** (pp. 11-21). Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos históricos**. Vol. 5, n. 10, p. 134-146.

_____. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio,2006.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MOURA, T. **Rostos invisíveis da violência armada**: um estudo de caso sobre o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência**. Mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org). **A escrita da história**. São Paulo: Novas Perspectivas-UNESP,1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. A modernização autoritária: do golpe militar à redemocratização (1964-1984). In: LINHARES, Maria Yeda (Org.). **História geral do Brasil (da colonização portuguesa a modernização autoritária)**. 4. Ed. Rio de Janeiro, 1990. p.273-303.

WACHOWICZ, Ruy Christowam. **História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1995.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

